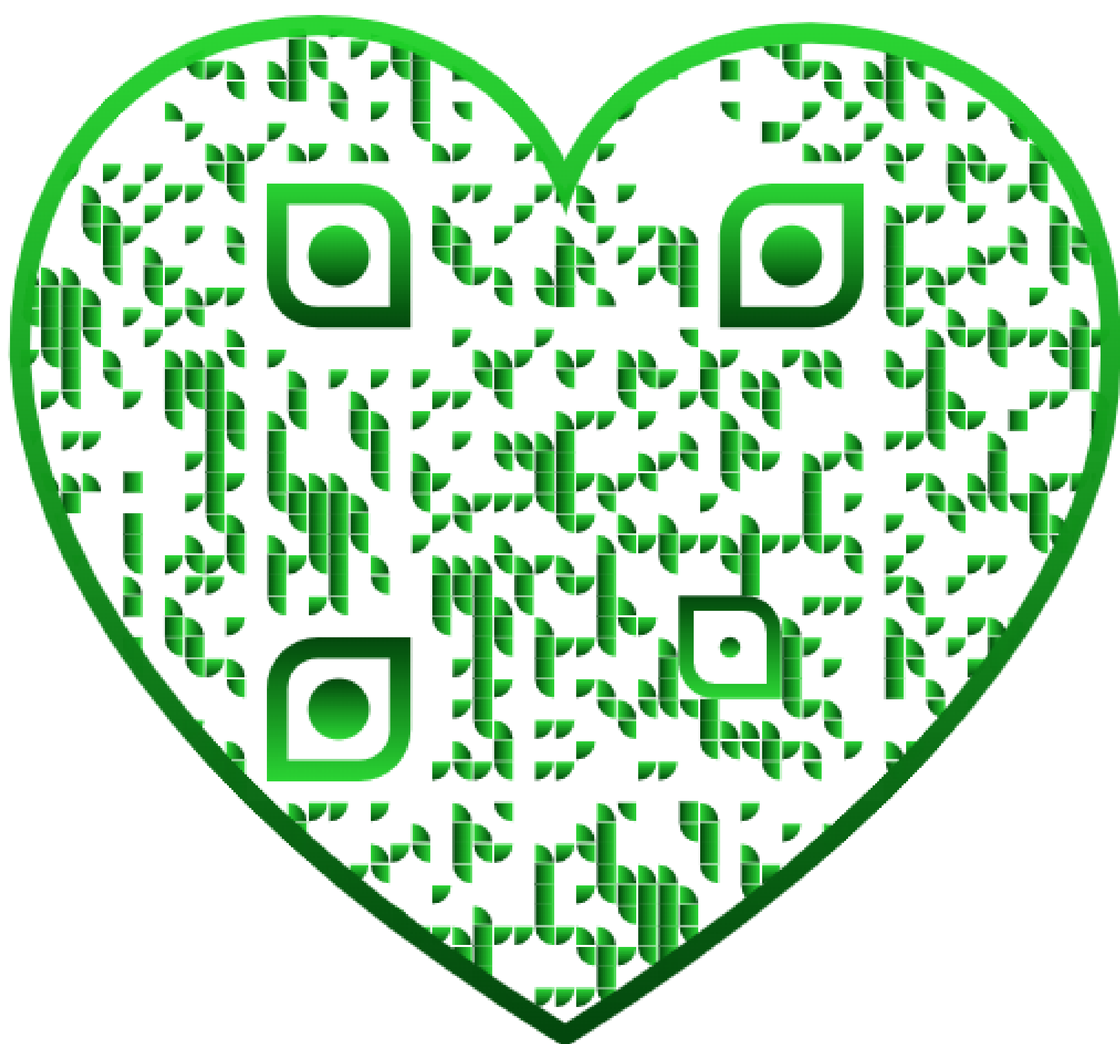


A CASA DA ETERNIDADE

MR. RIBEN



A Casa da Eternidade

Escrito por: Mr. Riben

“Se não consegue acordar de um pesadelo, provavelmente não está a dormir.”

Introdução

Desde já agradeço por ter adquirido este livro, espero que tenha imenso prazer na sua leitura, da mesma forma que eu tive na sua escrita.

Este livro é uma obra de ficção, baseado em lendas urbanas, todas as semelhanças com o mundo real são pura especulação.

Todos nós crescemos a ouvir contos, contos esses provenientes de lendas, formadas por histórias do fantástico. Contadas pelos nossos antepassados e ouvidas junto à lareira de geração em geração.

Contos de outros tempos, ouvidos e transmitidos em respeito, até aos dias de hoje.

Já dizia o velho ditado: "Quem bem me avisa meu amigo é!".

Esta história relata a experiência vivida por Daniel, após ignorar abusivamente o conselho de seu amigo Pedro Reis, paga da pior forma, o preço da sua imprudência.

Pedro é um jovem problemático, derivado por vícios destrutivos que ao falhar um desafio vê-se obrigado a desabafar com alguém chegado para evitar a doença da mente.

Daniel por sua vez acaba julgando Pedro precipitadamente e acaba tomando a terrível decisão de replicar a errada perícia.

Ninguém sabe a história da Casa da Eternidade, mas ela é real e espera pacientemente. Até o seu próximo inquilino entrar.

Pois quem lá entra, jamais regressa intacto. Seja bem-vindo a casa.

Índice

Capítulo I - A amizade não tem prazo

Capítulo II – Os fantasmas não existem

Capítulo III – Não acredites em tudo o que vês

Capítulo IV – A selva

Capítulo V – O quarto do inferno

Capítulo VI – Seria este o fim?

Capítulo VII – A surpresa

Capítulo VIII – Uma luz no fim do túnel

Capítulo I - A amizade não tem prazo

Deixe-me começar por falar do meu amigo Pedro Reis.

Pedro era toxicodependente, completamente viciado em heroína. Fomos amigos no liceu e continuamos mesmo depois de eu ter-me graduado. Infelizmente ele não chegou a concluir, desistiu passado 2 anos de muita luta. Durante esse período partilhávamos o mesmo dormitório, mas na eventualidade após a graduação acabei por me mudar para um apartamento mais pequeno.

Depois da minha mudança, já não via o Pedro tantas vezes. Ainda assim mantinha o contacto via Messenger (o Messenger era bastante usado nos anos pré-Facebook). Volta e meia falávamos normalmente sem grandes compromissos. Amigo é amigo por mais tempo que se passe.

Lembro-me perfeitamente que houve uma época em que ele deixou de estar online durante 5 semanas seguidas, não me deixou preocupado, pois sabia perfeitamente os "problemas" do Pedro. Era complicado lidar com aquele vicio e por diversas vezes já o tinha tentado ajudar. Mas a principal ajuda tinha de vir dele próprio.

Presumi com essa ausência que ele tinha deixado de se preocupar com a nossa amizade. Uma calma noite enquanto estudava madrugada a dentro, para meu grande espanto ele ficou online. Era de admirar que ele algum dia voltasse a se conectar e antes de sequer pensar no que lhe iria dizer, ele mandou-me uma mensagem.

"Daniel, *brotha*, precisamos de falar."

Acabamos por falar durante horas sobre tudo o que se estava a passar na vida de Pedro e foi através desse longo diálogo que fiquei a conhecer

tudo sobre a casa da eternidade. Ela tinha esse nome porque nunca ninguém tinha chegado à sua saída. As regras eram bem simples, tal e qual aqueles jogos *cliché*: entra, chega ao final da casa e ganha $1000. Existiam nada mais nada menos que 9 quartos no total.

A casa ficava localizada fora da cidade numa área não muito remota, mas fora da confusão, onde acaba o urbano e começa a floresta. Conseguia chegar lá em pouco tempo, ficava apenas a alguns quilómetros da minha casa. Aparentemente Pedro tinha tentado concorrer e falhou, ele tinha o vicio da droga e sabe-se lá mais o que naquelas veias, portanto assumi que aquela porcaria toda lhe tinha subido à cabeça e tinha levado à melhor o seu pouco juízo. O mais provável era que tenha visto um fantasma de papel nalgum dos quartos e borrou-se todo durante alguma moca mal curada.

Ele apenas dizia repetidamente “é demasiado para um ser humano” e que era “completamente surreal”.

Como ateu que sou e completamente realista, achei aquilo tudo uma treta inventada para chamar a atenção. E obviamente não acreditei em nada do que ele contara. Por valor aos velhos tempos disse a Pedro que ia averiguar a situação na noite seguinte, contrariamente ao que pensei, ele tentou dissuadir a minha decisão e insistia que tinha sido apenas um desabafo, apesar de, eu achar perfeitamente que era um desafio. Por mais que ele tentou convencer-me a continuar com a minha vida e esquecer aquilo, a verdade é que, aquela quantia de dinheiro era demasiado boa para ser verdade. Eu não tinha nada a perder e definitivamente teria que tentar mesmo não acreditando que assim o fosse. Eu tinha que lá ir.

Capítulo II – Os fantasmas não existem

A noite caiu e finalmente pus-me a caminho, meti-me no carro e rapidamente estava perto do meu destino, parte de mim sentia a adrenalina a correr nas veias, a minha mente transbordava de pensamentos. Quando cheguei, imediatamente notei algo estranho em relação ao que Pedro tinha-me contado. Para uma casa que supostamente era "surreal" aparentava ser normal como todas as outras, de assustador nada tinha. Dirigi-me para a entrada observando o ambiente em redor, sem razão aparente um arrepio correu-me pelo corpo.

Comecei a subir as escadas de forma lenta, um sentimento de inquietação começara a formar-se em mim e apenas intensificou-se assim que levantava o braço para abrir a porta de entrada. O meu coração parecia abrandar e deixei um breve suspiro de alívio na entrada enquanto fazia a minha passagem.

A divisão parecia uma entrada normal de hotel, com decorações ridículas de Halloween, cheirava tudo a plástico barato. No lugar do rececionista encontrava-se um letreiro bem ornamentado, em letras bem visíveis lia-se: "Quarto um por aqui. oito mais seguem-se. Chegue ao fim e o prémio é seu!". Pelo aspeto da coisa em menos de um minuto ia percorrer a casa toda e recolher aquele precioso bónus. Dei um riso sarcástico e dirigi-me para a porta com o numero 1 estampado.

No primeiro quarto tudo era quase risonho, a decoração assemelhava-se a uma loja do chinês de esquina, fantasminhas de lençol pendurados no teto, zombies animados que gemiam consoante passava e sangue muito sangue falso espalhado no chão.

Avistei no canto mais longe uma saída, era a única porta existente para

além daquela que eu tinha entrado. Afastei com as mãos as teias falsas que descaiam do teto e aproximei-me da porta que ia dar ao segundo quarto.

Fui saudado com um ligeiro nevoeiro enquanto abria a porta que tinha o número 2. Este definitivamente mostrava uma melhoria na tecnologia em relação ao anterior. Não só tinha a máquina de nevoeiro, como já havia morcegos a voar em círculos. “Assustador..”- Pensei pra mim num ar aborrecido.

Como ambiente de fundo rodava uma banda sonora de Halloween, daquelas que se conseguem nas lojas de $1 vez e vez sem conta, por mais que tentasse descobrir, não encontrei nenhuma coluna a transmitir o som, mas certamente tinham a aparelhagem bem escondida.

Pisei sem dar de conta nalguns ratos de brincar que andavam aos trambolhões pelo chão e de peito inchado vendo que isto já estava no papo, dirigi-me para o próximo aposento.

Ao alcançar a maçaneta da porta 3, o meu coração afundou-se aos meus pés. Eu não queria abrir aquela porta. Um sentimento de pavor atingiu-me com tanta força que mal conseguia pensar. Consegui voltar aos meus sentidos após um breve momento de pânico, sacudi essa sensação e continuei em frente.

No terceiro quarto foi onde as coisas começaram a mudar.

Capítulo III – Não acredites em tudo o que vês

Num primeiro olhar o terceiro quarto parecia completamente normal. Havia uma cadeira no centro do lugar, o chão era de madeira castanha escura e rangia um pouco a cada passo. Num dos cantos um único candeeiro iluminava pobremente a área, a sua luz lançava algumas sombras pelo chão e pelas paredes. E esse era o problema, sombras. Plural.

Tirando a sombra normal da cadeira, haviam outras. Eu mal tinha passado da zona da porta e já estava aterrorizado. Foi nesse momento que eu me apercebi que alguma coisa não estava bem. Sem sequer pensar, por instinto, tentei abrir a porta por onde tinha entrado. Estava trancada pelo lado de fora.

Fiquei alarmado. Estava alguém a trancar a portas conforme eu ia progredindo? Era impossível, eu teria ouvido e conseguia jurar a pés juntos que não ouvi o trinco da porta a rodar. Provavelmente era um trinco automático, mas neste ponto já estava suficientemente assustado para pensar mesmo nisso. Voltei-me para o centro do quarto e as sombras tinham desaparecido, restava apenas a da cadeira.

Lentamente comecei a andar, ocorreu-me que em miúdo costumava alucinar em espaços escuros, quis firmemente acreditar que as sombras eram produto da minha imaginação. Comecei a sentir-me melhor após chegar a meio caminho do quarto. Olhei para baixo enquanto caminhava e foi aí que vi.

Ou não vi. A minha sombra não estava lá. Nem tive tempo de gritar, corri o mais rápido que pude para a porta seguinte e lancei-me sem demora para o quarto adiante.

Divisão número 4, era possivelmente a mais perturbante. No momento em que fechava a porta, toda a luz parecia ter sido sugada por completo para o quarto anterior. Eu fiquei ali, especado, rodeado pela escuridão, sem me poder mexer. Eu não tenho medo do escuro e nunca na minha vida tinha tido, mas estava completamente apavorado. Não conseguia ver absolutamente nada. Passei a mão à frente da minha cara para limpar o suor frio, por momentos não sabia o que fazer. Era a escuridão total, não conseguia descrever nada, não conseguia ouvir nada. Estava um silêncio de morte.

Mesmo estando num quarto à prova de som, conseguimos sempre ouvir a nossa respiração, conseguimos sentir que estamos vivos.

Ali eu não conseguia.

Após alguns momentos tropecei em frente, o bater rápido do meu coração era a única coisa que conseguia palpar. Não havia nenhum sinal da porta, nem tinha a certeza que realmente existia uma desta vez. O silencio começava a quebrar-se com um pequeno zumbido. Senti qualquer coisa atrás de mim. Virei-me violentamente, nem conseguia ver a ponta do meu nariz.

Mas eu sabia que algo estava ali. Independentemente do quanto escuro estava, sentia uma presença naquela escuridão. O som aumentava. Parecia estar a rodear-me, algo me dizia que a causa disso estava virada na minha direção.

O zumbido intensificava-se cada vez mais, tornava-se percetível. Dei um passo atrás, nunca tinha sentido este tipo de medo. Não consigo descrever exatamente o que estava a sentir. Não estava assustado pensando que ia morrer, estava assustado pela alternativa do morrer. Nem sonhava o que esta “coisa” teria reservado para mim.

As luzes acenderam-se momentaneamente e aí eu vi.

Nada. Absolutamente nada encontrava-se ali. O quarto voltara à escuridão e o zumbido tornara-se num barulho irritante e insuportável, eu gritei em protesto não conseguia ouvir nem mais um minuto aquele maldito som.

Corri para trás, tentei afastar-me daquele ruído infernal, a minhas costas bateram numa parede passei rapidamente a mão numa tentativa cega de perceber o que era. Senti uma maçaneta de porta, rodei sem demoras, estava no quarto 5.

Antes de descrever o quinto quarto, tenho que pôr algo em pratos limpos. Eu não sou viciado em drogas, não tenho historial de abuso de substâncias ou qualquer medicamento psicótico. Tinha apenas algumas alucinações quando era criança, mas apenas ocorriam quando estava realmente cansado ou a acordar com poucas horas de sono. Eu entrei na casa da eternidade com o objetivo de ganhar o dinheiro.

Capítulo IV – A selva

Entrei no quarto 5 completamente aos trambolhões, tinha caído de costas e ainda nem tinha olhado mesmo de frente para saber o que me esperava. Olhando para o teto do quarto o que eu vi não me assustou, apenas surpreendeu-me.

Árvores tinham crescido para dentro do quarto e faziam uma torre por cima da minha cabeça. O teto deste quarto era muito mais alto que todos os outros, o que me levou a pensar que estaria no centro da casa. Levantei-me do chão e sacudi a poeira das minhas roupas.

Dei uma bela vista d'olhos em redor. Definitivamente era o maior quarto de todos, nem conseguia ver a porta de onde me encontrava. Alguma da vegetação cobria a minha linha de visão com a saída. Até este ponto eu pensava que os quartos iriam tornar-se cada vez mais assustadores, mas este era um paraíso comparado ao quarto anterior. Presumi também que o que estava no outro quarto tinha ficado por lá trancado.

Não podia estar mais enganado.

Conforme ia progredindo para o interior, comecei a ouvir os sons da floresta, pássaros a cantar, insetos a zunir e asas a bater ao longe. Estes sons eram a minha única companhia neste quarto e isso era das coisas que mais me inquietava.

Conseguia ouvir animais e insetos, mas não conseguia realmente vê-los. Levava-me a pensar o quanto grande era a casa no total. Vista por fora quando entrei parecia ser uma casa de tamanho normal. Eu encontrava-me de certeza no lado maior, mas cabia uma floresta inteira nesta única alcova.

A vegetação cobria agora a minha vista para o teto, mas assumi que ainda estivesse lá e por mais que tentasse ver paredes também não havia sinal delas. A única maneira de saber que ainda me encontrava dentro da casa era olhando para o chão, coincidia exatamente com os outros quartos. Madeira castanha escura.

Continuei a andar na esperança que a próxima árvore que passasse fosse revelar-me a saída. Depois de algum tempo caminhando, senti um mosquito a voar para o meu braço. Sacudi-o e continuei sempre. Segundos depois senti dez mais a pousar na minha pele em lugares diferentes. Sentia-os a andar cima e baixo nos meus braços e pernas, alguns inclusive na minha cara.

Agitei-me como um louco para sacudi-los de cima de mim, mas continuavam a pousar mais e mais. Olhei para os meus membros e contive um grito de desespero, eu não conseguia ver nenhum inseto. Nenhum bicho estava em mim, mas eu conseguia senti-los.

Conseguia ouvi-los a voar contra a minha cara e a picar a minha pele, mas falhava ao ver onde raios andavam. Caí no chão e rebolei descontroladamente, estava mesmo desesperado. Odeio insetos, especialmente aqueles que não consigo ver ou tocar. Mas a verdade é que eles conseguiam tocar-me e estavam em todo o lado!

Rastejei, não tinha ideia para onde estava a ir. Em vista não se encontrava nenhuma saída e a entrada já nem sabia para que lado estava. Então rastejei e rastejei, a minha pele ardia sentia a presença daquela ameaça invisível.

Horas passaram, até que dei com algo que me pareceu ser uma porta ao longe. Tentei levantar-me com o auxílio da árvore mais próxima, sacudi-me na esperança de tirar o que estava agarrado e forcei-me para começar a correr. Só que não consegui, o meu corpo estava exausto de tanto rastejar. Lidar com a tortura psicológica das picadas deixou-me de

rastos. Dei vários passos trémulos em frente, agarrava-me a todas as árvores do caminho para apoiar o meu trajeto, eram o meu único suporte.

Estava a apenas escassos metros, quando comecei a ouvir o zumbido anterior. Vinha do quarto seguinte e estava muito mais profundo. Conseguia senti-lo dentro do meu corpo, a sensação das picadas diminuía enquanto o zumbido gradualmente aumentava.

Quando pus a minha mão na maçaneta da porta os insetos tinham desaparecido por completo, mas não conseguia realmente rodar e prosseguir. Consciente em mim, sabia perfeitamente que não podia abrir a minha mão, pois se o fizesse os insetos iriam voltar e também não havia maneira de voltar ao quarto anterior, a única solução era continuar.

Parei um momento, a minha transpirada cabeça pressionava a porta por abrir, ela tinha um 6 marcado, o zumbido tornara-se tão alto que nem conseguia "ouvir" o meu pensamento. Não havia nada a fazer e com um movimento desfalecido rodei a maçaneta e entrei no quarto 6.

Capítulo V – O quarto do inferno

Empurrei a porta por trás de mim, de olhos fechados e ouvidos a apitar. O zumbido cercava-me por completo num ruído ensurdecedor. Logo que a porta fechou por completo o ruído cessou. Eu abri os meus olhos e para minha surpresa, também a porta tinha desaparecido.

Era apenas uma parede agora, olhei em redor estupefacto como era possível? O quarto era exatamente igual ao quarto 3, a mesma cadeira e o mesmo candeeiro, mas com o número de sombras corretas desta vez. A única diferença na realidade era que não havia porta de saída e a que eu tinha entrado não mais estava lá.

Como mencionei anteriormente nunca tive nenhum problema de instabilidade mental, mas naquele momento sentime louco, completamente insano. Eu não gritei, não fiz nenhum som.

A princípio eu arranhei a parede ao de leve, era rígida, mas eu tinha a certeza que a porta estava ali algures, algo em mim achava que sim. Arranhei um pouco mais na zona da maçaneta, nada. Num ato de desespero arranhei freneticamente com as duas mãos, as minhas unhas começaram a sangrar enquanto deslizavam na parede. Caí em silencio de joelhos, o único som que se fazia sentir naquele quarto eram os meus arranhões contra a parede. Eu sabia que a porta estava ali, eu conseguia sentir, eu sabia que estava. E sabia que se conseguisse passar esta parede –

"Está tudo bem contigo?"

Saltei imediatamente do chão e virei-me num segundo. Inclinei-me contra a parede por trás de mim e vi o que raio tinha falado comigo.

Arrependo-me tanto de sequer ter-me voltado naquele momento.

Estava uma pequena menina parada a olhar para mim. Ela usava um vestido branco que ia até aos joelhos. Tinha um longo cabelo loiro até o meio das costas, a sua pele era um pouco pálida e os seus olhos eram azuis da cor do céu.

Ela era a coisa mais assustadora que eu alguma vez tinha visto e sei que mais nada na minha vida será tão arrepiante com o que eu vi nela. Enquanto a observava notei algo mais, no chão espelhado nos seus pés estava o que parecia ser um corpo de um homem, mais largo que o normal e coberto de pelo. Ele estava nu por inteiro, mas a sua cabeça não era humana e no lugar dos seus pés estavam cascos.

Não era o diabo, mas naquele momento bem que podia sê-lo, a cabeça tinha forma de um bode, mas o focinho era de um lobo. A minha reação foi petrificante, aquela coisa era sinónima com a menina, que se encontrava mesmo de frente a mim.

Pertenciam à mesma forma, era tão difícil de perceber porque fugia completamente à realidade, conseguia vê-los ao mesmo tempo como se estivessem numa espécie de simbiose. E apesar de partilharem o mesmo ponto no quarto pareciam estar situados em duas dimensões diferentes. Quando olhava para a menina via aquela forma e quando olhava a forma via a menina. A minha boca ficou sem palavras, não conseguia falar.

Quando anteriormente disse que nunca tinha sentido tanto pavor na minha vida num dos quartos anteriores, era porque definitivamente ainda não tinha estado no quarto seis. Estava ali com a alma a sair-me pela boca, respirando ofegante olhando para aquela abominação a falar comigo. Não havia nenhum sinal da saída, estava completamente preso com aquela coisa naquele quarto. E nisto ela voltou a falar.

“Daniel, devias ter ouvido.”

Ao falar, ouvia as palavras da menina, mas a outra forma falava simultaneamente na minha mente num tom de voz tão horrendo que nem tentarei descrever. Repetiam a mesma frase, vez e vez sem conta, eu concordei. Não sabia o que fazer, estava a cair em loucura e não conseguia de forma nenhuma tirar os olhos do que se encontrava na minha frente.

Cai no chão, por momentos pensei que tinha desmaiado, mas o quarto não iria permitir, eu só queria que tudo terminasse. Os meus olhos estavam escancarados de terror e a forma olhava firmemente para mim, olhos escuros como breu sem vida nenhuma.

Rebolando no chão do quarto encontrava-se um dos ratos de brincar do quarto 2. A casa estava fazendo jogos comigo, mas por alguma razão aquele brinquedo tirou-me do abismo mental que me prendia e fez-me voltar à realidade. Olhei em redor do quarto, estava decidido em sair dali. Completamente determinado em sair daquela casa e viver sem nunca mais pensar naquele lugar.

Eu sabia que aquele quarto era o inferno, mas não ia tornar-me naquele dia num dos seus residentes. Numa primeira instância apenas os meus olhos conseguiam mexer. Procurei nas paredes alguma espécie de abertura. O quarto não era assim tão grande, não tardei muito a mapear o espaço por completo. O demónio atormentava-me sem parar, a sua voz crescia bruscamente na minha cabeça, ganhei forças pus a mão no chão e fiz-me levantar para analisar a parede por trás de mim.

Nem queria acreditar, a forma estava agora mesmo ao lado do meu ombro, sussurrando no meu ouvido e na minha mente, a lembrar-me que não devia de ter vindo. Conseguia sentir a sua respiração no meu pescoço, recusei-me virar.

Um enorme retângulo estava cravado na madeira com uma pequena

falha arrancada no centro. Mesmo em frente aos meus olhos eu vi um grande 7 esculpido na densa parede. Eu sabia perfeitamente o que era, o quarto numero 7!

Não sei como tinha conseguido, poderia ter sido o meu estado mental, mas eu tinha criado aquela porta. Eu sabia que tinha! Na minha loucura, eu tinha arranhado a parede até emergir o que eu mais precisava: uma saída para o próximo quarto.

O quarto numero sete estava perto e o demónio continuava ao meu lado, mas por alguma razão aquela coisa não conseguia tocar-me. Eu fechei os meus olhos e pus as duas mãos juntas no grande 7 que se encontrava na minha frente. E empurrei, empurrei com todas as minhas forças, o demónio berrava agora no meu ouvido, berrava que nunca mais ia sair. Dizia que era o meu fim, mas que eu não ia morrer, iria viver para toda a eternidade com ele naquele quarto. Não ia permitir isso. Empurrei e gritei de pulmões cheios, sabia que ia atravessar por aquela parede na eventualidade.

Fechei com força os olhos e continuei a gritar, quando dei por mim estava no silencio, não havia sinal do demónio nem da menina. Virei-me lentamente para ser presenteado com o quarto que me recebeu quando entrei. Uma cadeira e um candeeiro era tudo o que continha. Parecia mentira, mas eu não tinha tempo a perder. Voltei-me novamente para o 7 cravado na parede e esmoreci ligeiramente. Estava na presença de uma porta, não a que tinha arranhado, mas uma porta normal como as outras, com um grande 7 marcado.

O meu corpo inteiro tremia, demorei um bocado a agarrar a maçaneta, estava exausto e permanecia ali a olhar em frente. Eu não podia ficar no quarto seis, não depois de tudo o que tinha passado. Se isto era o quarto seis, nem queria imaginar como seria o sete, nem o que reservava para mim.

Perdi a noção do tempo, após 1 hora parado olhando para aquele 7 estampado, respirei fundo e rodei a maçaneta, preparava-me para entrar.

Capítulo VI – Seria este o fim?

Arrastei-me pela porta, a minha mente e o meu corpo estavam no limite. A porta fechava-se e eu aos poucos apercebia-me onde me encontrava. Estava lá fora, não fora de um quarto para outro, mas mesmo fora da casa! Os meus olhos nem queriam acreditar. Eu queria chorar, debrucei-me para a frente e nem queria cair na realidade.

Estava finalmente fora daquele inferno, nem queria saber do prémio prometido naquele momento, a porta que acabara de abrir era precisamente a da entrada. Fui para o meu carro e guiei até casa, queria tomar um duche quente e chorar a minha alma.

Pelo caminho acelerei que nem um louco, só queria regressar ao meu porto de abrigo. Encostei o carro quando cheguei, um sentimento de inquietação começava a acumular-se em mim, a alegria de ter escapado daquela casa eterna tinha desaparecido. Uma sensação de pavor pesava no meu estômago, quase que vomitava mesmo ali.

Sacudi aquela sensação da minha mente e mal entrei em casa fui diretamente para o meu quarto. Na minha cama estava o meu gato, Patinhas. Ele foi a primeira coisa viva que eu tinha visto toda a noite, apressei para lhe fazer uma festa. Com rancor lançou-me um olhar de ódio e tentou arranhar-me, recolhi-me em choque, nunca antes ele tinha feito tal coisa.

Pensei que podia não estar nos seus dias, afinal de contas era um gato velho. Enfiei-me no chuveiro e preparava-me para cair redondo na cama como uma pedra.

Depois do meu duche, fui até a cozinha arranjar algo para comer. Desci as escadas e virei-me para o quarto dos meus pais, algo me chamara à

atenção e entrei no quarto, o que eu vi ficou para sempre gravado na minha mente. Os meus pais estavam deitados no chão, completamente nus e cobertos de sangue. Estavam mutilados e num estado praticamente irreconhecível.

Os seus membros tinham sido arrancados e posicionados perto do torso, as suas cabeças cortadas e descansadas em cima do peito, estavam viradas para mim. A parte mais horripilante era a expressão que jazia nas suas faces. Eles estavam a sorrir, como se estivessem contentes por me ver. Vomitei compulsivamente, solucei enquanto chorava.

Eu não sabia o que tinha acontecido, eles nem viviam comigo naquela altura da minha vida, estava num estado caótico de confusão mental. E foi aí que me apercebi, vislumbrei num dos cantos uma porta que não existia antes. Uma porta com um enorme 8 cravado em sangue.

Estava ainda na casa, encontrava-me dentro do quarto dos meus pais, mas era apenas o quarto numero sete. O sorriso macabro na cara dos meus pais aumentara enquanto eu me apercebia do meu trágico destino. Aquelas coisas não eram os meus pais, mas pareciam-se exatamente como eles. A porta marcada com um 8 estava no outro lado do quarto, apenas os corpos mutilados restavam no meu caminho, eu sabia que tinha de seguir, mas naquele momento eu desisti.

A expressão que eles impunham enterrou-se na minha mente, amarrou-me ao chão onde estava presente. Vomitei de novo e quase desmaiava. Com um ruído infernal o zumbido regressara, desta vez completamente ensurdecedor. Enchia a casa com uma ressonância infernal, as paredes tremiam como se fossem desabar. Aquela confusão toda de certa forma obrigou-me a mover.

Comecei lentamente, aproximando-me dos corpos e da porta, mal conseguia aguentar-me muito menos andar, quanto mais aproximava-me deles mais aproximava-me do meu suicídio. As paredes agora

abanavam com tanta violência que pareciam demolir-se a qualquer momento. Os olhos dos meus pais seguiam-me a cada movimento, as suas caras continuavam a sorrir e agora que me encontrava a centímetros deles e da porta, as suas mãos possuídas com vida própria, arranhavam-se até mim.

Era este o novo terror do quarto? As cabeças começaram gradualmente a abrir a boca, de tudo o que já tinha visto não queria ouvi-los a falar, as suas mãos estavam a momentos dos meus pés. Se ouvisse as vozes dos meus pais naquele momento era o fim para mim! Num ato de desespero, joguei-me para a porta abri-a e bati violentamente encerrando ela por trás de mim.

Capítulo VII – A surpresa

Para mim bastava! Depois de tudo o que tinha passado, sabia que não havia mais nada que esta casa maldita jogasse e, eu não sobrevivesse. O inferno que tinha presenciado tinha-me preparado para toda a porcaria que pudesse vir.

Infelizmente, subestimei as habilidades desta casa do inferno, as coisas só viriam a se tornar mais perturbadoras, mais apavorantes e mais indiscritíveis no quarto oito.

Ainda tenho problemas em acreditar o que vi no quarto oito. Novamente, este quarto era uma cópia exata dos quartos três e seis, mas desta vez, encontrava-se um homem sentado na cadeira que costumava estar vazia.

Paralisei em descrença, só passados uns momentos a minha mente aceitou o facto que o homem sentado na cadeira era eu. Não alguém parecido a mim, não uma coisa semelhante a mim, mas eu mesmo.

Aproximei-me com respiração ofegante, tinha que olhar melhor para ter a certeza do que estava a ver. A minha cópia olhou para mim e apercebi-me das lágrimas nos seus olhos.

“Por favor… Por favor não me faças nada. Por favor não me magoes.”

“O quê??” – Questionava eu enquanto ele soluçava.

Exclama novamente.

“Tu vais magoar-me e eu não quero que me faças isso.” - E nisto recolheu as pernas para o assento da cadeira e começa a balouçar-se para a frente e para trás, tal como os loucos fazem num manicómio.

Era completamente patético sequer pensar como podia ser eu que estava sentado naquela cadeira.

“Ouve-me com atenção, quem és tu?” Questionei novamente o meu sósia, era a experiência mais estranha de sempre, falar comigo mesmo em pessoa. Eu não estava assustado, mas iria estar em breve. “Porque haveria eu de magoa….-” Fui interrompido.

“TU VAIS MAGOAR-ME, TU VAIS MAGOAR-ME, SE QUISERES SAIR VAIS TER QUE ME MAGOAR!”

“Porque estás a dizer isso? Tem calma ok? Vamos tentar perceber o que se está a passar-“

E foi nesse que notei a única diferença no Daniel que se encontrava sentado, ele usava as mesmas roupas que eu, com a exceção de um pequeno bordado vermelho na zona do peito. Nesse contorno estava desenhado o número 9.

“TU VAIS MAGOAR-ME, TU VAIS MAGOAR-ME, POR FAVOR NÃO ME MAGOES!”

Os meus olhos não conseguiam deixar de olhar aquele pequeno número, eu sabia exatamente o que era. As primeiras portas eram muito simples, mas após algum tempo tornaram-se ambíguas. O 7 estava arranhado na parede, mas pelas minhas próprias mãos, o 8 marcado na porta com o sangue dos corpos dos meus pais, mas o 9 era uma pessoa, uma pessoa viva. Pior ainda porque era uma pessoa igual a mim!

“Daniel?” Questionei-lhe.

“Sim… tu vais ter que me magoar, tu vais ter que me magoar.” Ele continuou soluçando e balançando.

Ele tinha reagido ao meu nome quando chamei, ele era eu, até na voz era igual. Mas aquele 9. Dei uns passos pelo quarto enquanto ele balançava no canto dele. O quarto não tinha porta e, tal como no quarto 6 a porta pela qual entrara tinha desaparecido. Assumi que arranhar outra desta vez não me levaria a lado nenhum.

Observei e estudei as paredes e o chão em redor, ajoelhei-me para ver se tinha algo debaixo da cadeira. Infelizmente havia. No fundo estava uma faca, junto tinha um papel escrito, apressei a puxa-lo e escrevinhado lia-se: “Para Daniel da Gerência.”

Tive uma sensação de peso no meu estômago enquanto lia aquele papel, era tão sinistro. A última coisa que queria fazer era retirar a faca daquela cadeira. O outro Daniel continuava soluçando no meio de lágrimas perdidamente. Na minha mente giravam perguntas sem resposta. Quem tinha posto aquilo ali? Como é que sabiam o meu nome?

Para não falar no facto que eu estava ajoelhado no chão gelado daquele quarto e ao mesmo tempo encontrava-me sentado numa cadeira choramingando pela minha vida. Era demasiado surreal. A casa e a gerência andaram a brincar com a minha mente este tempo todo. Os meus pensamentos viraram-se para o que Pedro Reis tinha-me avisado.

E questionava-me se ele tinha ou não chegado tão longe. Porque se sim, ele tinha conhecido também um Pedro Reis a implorar pela sua vida neste mesmo quarto, nesta mesma cadeira. Balançando-se para a frente, para trás num autêntico frenesim. Espaireci-me desses pensamentos, eles não me iam safar desta situação.

Com isto tirei a faca debaixo da cadeira e o outro Daniel aquietou-se imediatamente.

“Daniel,” Disse ele na minha voz, “O que pensas que vais fazer?”

Levantei-me por completo do chão e, ajustei a faca na minha mão.

“Eu vou sair daqui.” Disse-lhe sem remorso.

O outro Daniel ainda se encontrava sentado na cadeira, à exceção que estava muito calmo agora. Ele olhou para mim com um ligeiro sorriso. Não conseguia perceber se ele ia rir ou estrangular-me. Lentamente ele levantou-se da cadeira e virou-se para mim.

Ele parecia possuído, a sua altura e até mesmo a maneira como estava presente coincidia com a minha. Rodei o cabo da faca na minha mão e apertei-o ainda com mais força. Não tinha bem a certeza o que ia fazer, mas tinha um palpite que ia precisar dela.

“Sabes o que vou fazer?” Disseme o outro Daniel numa voz agora muito mais profunda que a minha.

“Eu vou-te magoar, mas vou-te mesmo magoar! E vou-te manter aqui comigo para sempre!”

Não respondi, arremessei-o contra o chão e prendi-o entre as minhas pernas. Olhava de cima para a sua figura, a faca estava pronta. Ele olhou-me em agonia. Parecia que eu estava a olhar para um espelho. O zumbido estava a regressar, ainda distante, mas já o conseguia sentir no meu corpo. Daniel olhou para mim assim como eu olhei para ele à medida que o zumbido crescia em redor, algo em mim despertou.

Com um movimento certeiro, cravei a faca no seu peito e arranquei o numero 9 de si.

Capítulo VIII – Uma luz no fim do túnel

Escuridão abateu-se sobre o quarto e eu comecei a cair.

Tal como no quarto numero 4 estava escuro como breu, mas não se comparava sequer minimamente ao que me estava a engolir. Eu nem tinha a certeza se estava a cair, após um bocado eu nem sentia o meu peso, completamente envolvido numa noite eterna.

Uma grande tristeza apoderou-se em mim. Sentime perdido, deprimido e suicida. A visão dos meus pais apareceu na minha mente. Eu sabia que não era real, mas eu tinha visto e a minha mente lutava para diferenciar o que era real ou não.

Fiquei no quarto 9 durante o que me pareceram dias. O quarto final, era precisamente isso, o fim. A casa da eternidade tinha chegado a um término e eu estava preso nele. Eu desisti, sabia que iria ficar para sempre naquele purgatório, acompanhado apenas por um abismo sem luz. Nem sequer o zumbido estava presente para me manter são.

Perdi todos os sentidos. Não conseguia sentir, não conseguia ouvir nada. A visão era completamente inútil ali. Tentei sentir gosto na minha boca sem sucesso. Sentia-me desmembrado e completamente sem rumo. Eu sabia onde estava.

Estava num limbo, esquecido entre a eternidade e onde o tempo não existe. Quando já tinha perdido toda a esperança, aconteceu. Uma luz. Toda a gente fala na luz ao fundo do túnel, rimo-nos desta expressão e traduzimos sempre num estereotipo, mas na realidade foi o que vi. Uma luz no meio da escuridão, senti o chão tocar nos meus pés, como uma criança levei uns segundos a reaprender a andar. Nisto dirigi-me de forma calma para a luz.

Aproximei-me e a luz tomou forma. Tinha uma forma de fenda retangular, era uma porta sem marcas. Atravessei sem pensar, voltei a encontrar-me exatamente onde tinha começado. Na receção da casa da eternidade.

Encontrava-se exatamente tal como tinha deixado, vazia, decorada com enfeites patéticos de Halloween. Depois de tudo o que tinha acontecido ainda conseguia situar-me no tempo e no espaço de onde tinha estado. Parei até normalizar. Tentei encontrar alguma coisa diferente. Na receção o letreiro tinha desaparecido em vez disso pousava em cima do balcão um simples envelope branco.

Com precaução abri a ver o que me esperava. No seu interior estava uma carta escrita à mão, tirei-a por completo e com atenção comecei a ler:

Caro Daniel,

Muito parabéns! Chegou ao final da casa da eternidade. Aceite este prémio como símbolo deste grande feito.

Atentamente,
A Gerência.

Dentro da carta encontravam-se $1000 em notas.

Não consegui parar de rir. Ri incontrolavelmente durante horas. Continuei enquanto saia daquele lugar, entrei no meu carro e ri sem parar até casa. Cheguei ao meu destino ainda a galhofar, era impossível cessar. Dirigi-me para a porta de entrada e histericamente continuei a gargalhar enquanto vislumbrava.

O número 10, gravado na minha porta..

Obrigado novamente por escolher ler este livro.

Gostaria de lhe pedir um pequeno favor, na ordem de poder continuar escrevendo lendas urbanas necessito do seu suporte. Para isso basta que dê uma pequena avaliação sobre o que achou desta leitura. Nada de muito elaborado apenas uma simples frase com opinião sincera.

Votos de uma noite tranquila, bons sonhos….